
ESAÚ E JACÓ DE MACHADO DE ASSIS: A REVOLUÇÃO NAS ENTRELINHAS DO MAL-ESTAR SOCIAL

Esau And Jacob De Assis Machado:
The Revolution In Ill Health Of Social Lines

Magda Medianeira de Mello¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo percorrer o tema da suposta revolução no Brasil na passagem da Monarquia à República que perpassa a obra literária de Machado de Assis intitulada *Esau e Jacó*, do ponto de vista dos acontecimentos culturais do final do século XIX e início do século XX. Procurou-se situar o lugar do mal-estar social correlacionando-o aos conceitos de revolução enquanto mudança, caracterizados pelos antagonísticos personagens Pedro e Paulo, reflexos da divisão existente no cenário nacional da época. Ainda, realizou-se uma breve conexão com a psicanálise freudiana com fins de caracterizar os personagens e o contexto do mal-estar vigente.

PALAVRAS CHAVE: Revolução; Monarquia; República; Esau e Jacó; Machado de Assis.

ABSTRACT: This article aims to analyze the theme of the supposed revolution in Brazil in the passage from Monarchy to Republic through the literary work of Machado de Assis entitled *Esau and Jacob*, from the point of view of the cultural events of the end of the nineteenth and early twentieth century. It sought to situate the place of the social malaise correlating it to the concepts of revolution as change, characterized by the characters Peter and Paul, which reflected the split in the national time setting. Moreover, a brief connection with Freudian psychoanalysis was made with purposes of characterizing the characters and the context of the malaise.

KEYWORDS: Revolution; Monarchy; Republic; Esau and Jacob; Machado de Assis.

O imprevisto é uma espécie de Deus avulso, ao qual é preciso dar algumas ações de graças; pode ter voto decisivo na assembleia dos acontecimentos. Suponha um déspota, uma corte, uma mensagem. A corte discute a mensagem, a mensagem canoniza o déspota (ASSIS, *E.J.*, 1997, p.1.087).

A REPRESENTAÇÃO DE *ESAÚ E JACÓ* NO CENÁRIO DA HISTÓRIA

Lançado em 1904, o título do romance *Esau e Jacob* de Machado de Assis é inspirado na Bíblia, remetendo à Gênese, na qual Rebeca concede

¹ Doutora em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid. Psicóloga. Psicanalista da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Professora da Faculdade da Serra Gaúcha

privilégios ao filho Jacó prejudicando o outro. Esaú faz inimigos irreconciliáveis. A inimizade dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade e Santos, não tem causa explícita, ocorre desde a gestação. A relação gemelar, que poderia ter aspectos mais fraternos, só existe em raros momentos de vida dos dois.

Trata-se de um romance narrado em terceira pessoa, pelo Conselheiro Aires, e aborda a ambiguidade entre Pedro e Paulo. Os dois irmãos gêmeos vão definindo temperamentos distintos à medida que vão crescendo: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, intenso, subversivo; Pedro é dissimulado e conservador. Isso se torna motivo de fortes desavenças. Quando adultos, o principal motivo de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monárquico. A saber, neste período em que se passa a obra machadiana, o Brasil estava em plena época da Proclamação da República. O excerto a seguir ilustra as posições antagônicas:

Paulo respondeu:

– Nasci no dia em que Pedro I caiu do trono.

E Pedro:

– Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 976).

“Natividade repreendeu a Paulo por sua resposta subversiva. Paulo explicou-se, Pedro contestou a explicação e deu outra [...]” (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 977).

O cenário dos romances machadianos traz um Rio de Janeiro do século XIX, do II Império à República, o tema da escravidão e a posterior libertação dos negros, os casamentos, as heranças e as partilhas de bens, as profissões valorizadas pela elite, os valores subjacentes no contexto social e a mulher neste contexto, a relação com a Igreja Católica e, principalmente, os aspectos políticos e econômicos do Brasil. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Esaú e Jacó* aparece com clareza a realidade das turbulências políticas pelas quais passou o Brasil no período de República, assim como o dia da libertação dos escravos em *Memorial de Aires*. O conflito senhor e escravos, elite e classe social desfavorecida, os liberais que desejavam uma mudança nacional na conjuntura política e os conservadores que temiam a mudança são temas mostrados. Além disso, também aparecem os estrangeiros e a relação dos brasileiros, principalmente com a Europa. Portanto, pode-se dizer que Machado de Assis descreveu com nitidez o cotidiano do país, os feitos da Corte e as consequências postas nas entrelinhas em seu texto.

Em termos literários, o autor passou do Romantismo ao Realismo/Naturalismo provocando uma revolução de dentro do estilo brasileiro na época. Obras que marcaram a passagem à nova fase na cronologia foram: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Antes disso, havia outras obras não citadas aqui, que faziam parte do estilo romântico de Machado de Assis.

As obras machadianas são utilizadas como fontes de investigação e têm se revelado um verdadeiro instrumento histórico para o Brasil, uma vez que seus temas são considerados universais, de amplos sentidos, abrangendo os mais distintos ramos da ciência. Em resumo, suas obras demarcam três grandes momentos históricos: a passagem do Segundo Império à República, a passagem do século XIX para o século XX e a passagem do Romantismo ao Realismo (MELLO, 2016).

O autor, que provoca mudanças no fazer de escritor e artista, assinala com veemência a revolução brasileira. Em *Memorial de Aires*, o povo vai às ruas comemorar, por exemplo, a Lei Áurea. Em *Esau e Jacó*, tema deste trabalho, as discussões entre os gêmeos colocam em cena o Brasil dividido entre a Monarquia e a República e na proclamação, posta nos diálogos entre o Conselheiro Aires e demais personagens.

Além disso, Romantismo e Realismo acompanham os eventos históricos brasileiros, o que contribuiu para um sentimento anticolonialista que se intensificou, segundo Faraco e Moura (1998), na independência do país. No início do século XIX, ocorreu a chegada da família real vinda de Portugal. Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, várias medidas foram tomadas para possibilitar a administração do reino português no Brasil, tais como a abertura de portos, a fundação do Banco do Brasil, a criação dos tribunais de finanças e de justiça, a permissão da instalação de indústrias e a inauguração da Biblioteca Nacional. Isso contribuiu para a criação de metrópoles como o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Conforme Alencastro (1998), cerca de 15.000 pessoas vieram de Portugal para o Brasil, mais especificamente para o Rio de Janeiro. Houve um grande enxerto burocrático e a busca de casas, de serviços e bens diversos proliferou. Paralelo a isto, a Guanabara se transformou em um grande polo negreiro da América.

Em conformidade com essa ideia, a antropóloga Schwarcz (1998) afirma que havia uma mentalidade monárquica, incluindo os negros escravos e toda a população. Diz a autora:

É por isso mesmo que, em pleno território brasileiro, reis e nobres africanos, vendidos como escravos por motivos de guerra ou por simples desafetos, desterrados em função do

infame tráfico, buscaram reconstruir estruturas políticas religiosas de suas terras distantes (SCHWARCZ, 1998, p. 14).

A escravidão era motivo de vergonha nacional; ainda assim, durou mais de 50 anos após a abolição do sistema de comércio humano realizado pelos Estados Unidos. Esta questão trouxe sérios problemas políticos ao Brasil, que estava rodeado de repúblicas na América. As relações com a Europa se complicavam, uma vez que o país já havia sido advertido por órgãos internacionais no tocante ao tráfico negreiro.

Retomando *Esau e Jacó* (1904), ilustrado nos personagens Pedro e Paulo, é possível notar que ambos concordaram em uma coisa: em 1888, uma questão grave os fez, ainda que por distintas razões, terem a mesma opinião. A data explica o fato, foi a emancipação dos escravos. Estavam tão longe um do outro, mas a opinião uniu-os.

A diferença única entre eles dizia respeito à reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. “Ele mesmo o disse, concluindo um discurso em S. Paulo, no dia 20 de maio: ‘A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco’” (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 992).

Confirmando essas ideias, Schwarcz (2000, p. 20) revela:

Nessa batalha simbólica travada entre República e Monarquia, melhor do que descobrir vencedores é repensar a importância da dimensão cultural. [...] percebemos como todo regime político estabelece em sua base um imaginário social constituído por utopias e ideologias, mas também por mitos, símbolos e alegorias, elementos poderosos na conformação do poder político...

Assim, costumes e tradições predominavam no imaginário por meio da figura do imperador e do sistema político vigente citado por Schwarcz (1998), em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis (1904), p. 455:

“Na ponte de embarques assistia-se aos desfiles dos toaletes da corte, entre fardões de gala, casacas condecoradas e vestidos decotados”.

“Toda gente voltou da ilha com o baile na cabeça, muita sonhou com ele, alguma dormiu mal ou nada” (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.009).

O povo da época era afastado dos grandes acontecimentos, levado aos fandangos e lundus, coroando seus reis enquanto nos salões da realeza se evidenciava um cenário decadente. A autora acima citada refere que a cultura africana, por exemplo, refletia-se no Brasil tanto como no seu lugar de origem.

Mesmo que Arendt (1988) afirme que na América não houve revolução, o que vemos acontecer no Brasil, relatado por Machado de Assis, nas entrelinhas da novela *Esau e Jacó*, reflete mudança na forma de governar. O povo não tomou posse do governo, mas a passagem da Monarquia à República foi um jeito de consolidar o início de um novo regime. Algo novo se instalou. Através da escravização e da pobreza, ao serem conhecidas pelos europeus, é que a questão social e a rebelião dos pobres puderam ser escutadas e desempenhar um papel realmente revolucionário: “O que alimentou o *élan* revolucionário na Europa não foi a Revolução Americana, mas a existência de condições que tinham estabelecido na América, e que eram bem conhecidas na Europa, muito antes da Declaração da Independência” (ARENDR, 1988, p. 20).

A autora referia-se à Revolução Americana, mas, como se vê, aos poucos o mundo absorvia a questão da independência dos países e a monarquia deixaria de existir. O conceito de revolução para Arendt (1988) não está relacionado à violência, e sim à irresistibilidade. “[...] é independente de qualquer influência de poder” (p.38).

Em *Esau e Jacó*, fica evidenciado o momento histórico:

Manhã de 15.

Quando lhe acontecia o que ficou contado, era costume de Aires sair cedo, a espaiar. Nem sempre acertou. Desta vez foi ao passeio público [...].

Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o Largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos arpejavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito a revolução, ouviu descrição da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. [...] Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um fugitivo, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.025).

A Proclamação da República no Brasil se deu em 15 de novembro. O fantasma do terror pairava no ar. Santos, pai dos gêmeos, receava fuzilamentos, tanto do imperador quanto das pessoas em geral. O povo estava mudando de governo, mas sem trocar pessoas, é o que afirma um dos personagens. A paz era necessária, mas haveria paz? Tudo foi se acalmando e as lojas e os bancos reabriram. Tudo passou a funcionar como antes. Não houve guerra.

- Mas o que há? perguntou Aires.
– A República está proclamada.
– Já há governo?
– Penso que já [...] (Assis, *E.J.*, 1997, p. 1028).

Dentro dos rumos da História do Brasil, e tomando Arendt (1988) como referência para refletir, ao afirmar que o conceito de revolução está ligado ao curso da história e que está desde um lugar onde toma subitamente um novo rumo, no enredo deveria aparecer a liberdade. Liberdade e experiência de um começo devem ser inerentes para que se considere a existência de uma revolução. Podemos pensar que talvez tenha tido início algo novo, mas não a libertação do povo brasileiro das tramas do poder. É fato que o país estava desmoralizado pela arrogância dos monarcas e pela hipocrisia. Estava ainda longe da democracia na qual, supostamente, haveria o governo da maioria, minimamente votando e tendo o direito de opinar.

De todo modo, havia uma mudança nas Polis da era moderna em que se almejava igualdade de pensamento político. O Brasil teria que acompanhar a evolução ou seguiria sendo advertido pelos países europeus. Na ocasião da Proclamação da República, de acordo com *Esau e Jacó*, era comum ouvir: “Eu sou ré...” (Assis, *E.J.*, p. 1.031) referindo-se a ser republicano. Isso significa que o país necessitava de uma identidade e referência enquanto brasilidade.

CONTROVERSOS: PEDRO E PAULO NA REVOLUÇÃO

Saindo de casa, Paulo foi à de um amigo, e os dois entraram a buscar outros da mesma idade e igual intimidade. Foram aos jornais, ao quartel do Campo, e passaram algum tempo diante da casa de Deodoro. Gostavam de ver os soldados, a pé ou a cavalo, pediram licença, falavam-lhes, ofereciam cigarros. Era a única concessão destes; nenhum lhes contou o que se passara, nem todos saberiam nada (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.034).

Sem dúvida o que se desejava era a liberdade de expressão e da opressão representados pelo regime monárquico, porém havia mesmo a necessidade de uma nova forma de governar. As disputas da época eram para mudar do regime monárquico ao regime republicano, mas nem sempre essa mudança representou liberdade. Era necessária uma constituição que contemplasse novas leis. Como sabemos, com a mudança ocorrida, não há o fim de uma velha ordem e sim a perspectiva de nascimento de algo novo.

Assim, observamos em Paulo o representante machadiano curioso, como muitos contemporâneos seus, isso os tornava unidos e ao mesmo tempo expostos a um momento sem palavras. O silêncio que deixa lacunas na história permite que esta seja relatada sem verdade. Qual era a verdade dos fatos ocorridos na ocasião da Proclamação da República narrada por Machado de Assis? Estariam os direitos civis garantidos? Segundo Arendt (1988, p. 25) “a vida de um homem livre necessitava a presença de outros”.

A luta de Pedro e Paulo era por razões muito diferentes. Na prática, um cursou direito e o outro medicina, porém preferiam envolver-se em política. Paradoxalmente, apaixonaram-se pela mesma pessoa e tinham o mesmo gosto pela vida pública. Muito juntos, sem poder se dar conta de certa indiferenciação psíquica posta em cena no seu jeito de ser. As radicais diferenças e brigas teriam como razão o distanciamento e ajudariam nossos personagens a construir identidade própria. Estariam gritando por independência? Que lugar a amada Flora ocupou na vida dos irmãos: reconciliação ou derradeira desavença? Poderíamos nos questionar o que Flora representava na vida dos nossos personagens políticos. Muitas dúvidas, mas nada os retiraria do foco das suas vidas. Paralelo a isto, após a morte da amada, os dois tomaram posse na Câmara. Foram eleitos deputados. Refere Machado de Assis: “Não lhes importam formas de governo, conquanto que a sociedade fique firme ou se atire para adiante” (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.086).

As questões da história do país que se entrelaçam com os personagens são a da independência e libertação dos escravos. Num paralelo singular, o autor revela aspectos psicológicos dos personagens que representam o tema da independência e do medo à liberdade. Supostamente Paulo e Pedro se apaixonaram pela mesma mulher, representante inconsciente da figura materna. Capturados numa relação edípica, protelaram a libertação e alteridade. Permanecem ligados inclusive à mesma família. Ao se ocuparem com o tema social vigente, atualizam suas histórias singulares. O triângulo amoroso reeditou o que viveram nas suas infâncias. A nomeação de aspectos psíquicos a exemplo da triangulação seria libertadora, o que não ocorreu. A revivência sem sentido é repetição e destruição. Nomear é poder tocar a vida sem amarras, o que, na sua sabedoria, Aires tenta interpretar.

O sábio Conselheiro Aires, por outro lado, acompanhava os gêmeos e assistia à ligação e o desligamento constante entre eles, sempre recompondo lutas que são apenas interrompidas pelos acontecimentos da vida, a exemplo da morte de Flora e depois de sua mãe Natividade. Encontros e desencontros ocorrem na vida dos gêmeos políticos que cumprem papéis importantes no desenlace do enredo, uma vez que denotam claramente os conflitos vividos pelos brasileiros da época.

O conteúdo desligado entre Pedro e Paulo seria nomeado por Aires, um personagem que não diz tudo o que pensa, ouve mais do que fala e

concilia o quanto pode. São colocadas em evidência ligações psíquicas, representações postas em palavras dando rumo à narrativa num ir e vir de imagens. O personagem discreto diante do duplo que se enunciava nos gêmeos assume um papel de descobrir e encobrir, um amigo verdadeiro. O velho personagem diplomata e narrador, tradutor do mundo interno, luta sempre para que vença o enlace, a ligação e a vida psíquica. Vive a realidade externa sem se posicionar, acompanhando o passo a passo da política e da vida de quem o cerca. Observador, mantém certo enigma instigante sobre sua pessoa.

Neste sentido, Freud (1950[1985]-1992) em *Projeto para uma psicologia científica* afirma que o próximo é alguém que faz com que a criança encontre descarga das tensões com satisfação. O outro é fundamental para que isto aconteça. Este semelhante dá conta do que falta no conforto, interpreta e ajuda. O adulto se inscreve junto com o aparelho psíquico e instaura representações. Nomeia as coisas e as coloca em palavras. Inaugura a capacidade simbólica do sujeito para que encontre vias colaterais de acesso às novas possibilidades. O outro faz com que a energia desligada que entra no aparelho psíquico em forma de excesso se inscreva e se fixe de modo a constituir o inconsciente.

Mais tarde, Freud (1920-1992) revela a noção de pulsão de vida e de morte, que permanecerá até o final de sua obra circulando nos textos. Já no texto *El yo y el ello* (1923-1992), Freud afirma que a pulsão de vida está ligada às pulsões sexuais, portanto a Eros. Ele não só compreende as pulsões sexuais, mas também as de autoconservação. São energias ligadoras relacionadas à libido. Já as pulsões de morte se encarregam de conduzir o ser vivo ao estado orgânico inerte, Tanático, ao passo que Eros persegue a meta de conservar a vida. Este é o papel antes mencionado do Conselheiro Aires em *Esau e Jacó*.

O modelo das pulsões se mescla e se liga. A pulsão de morte se caracteriza pela degradação e destruição, a exemplo do sadismo, e está ligada à agressividade e à preponderância do ódio sobre o amor por si mesmo e pelos demais. A pulsão de vida é a que move rumo à construção de todas as possibilidades. Freud refere:

Acho que se tem de levar em conta o fato de estar presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade (FREUD, 1927-1990, p. 17).

Em literatura utilizamos o termo Eros e Tãatos no que se refere aos conceitos psicanalíticos em virtude da ficção e não de pulsão. No conceito básico de pulsão a mesma nasce no soma, e os personagens na ficção são criados pelo escritor. Por essa razão, se fala em vida e morte. Porém, não há dúvidas de que as duas correntes, amorosa e destrutiva, perpassam a obra, revelando a existência do inconsciente freudiano tanto nos personagens quanto no cenário em si, o Brasil da época.

Na cultura, a destruição é comum, a exemplo das guerras, em que se destrói o que outrora fora construído. A literatura tratou de mostrar essas facetas humanas antes mesmo da existência da psicanálise e das descobertas de Freud. Todo o desligado na cultura representado nos personagens colocaria em cena o *pathos* mencionado por Arendt.

Fica evidente que a situação a qual vivenciava o Brasil não passava despercebida pelos personagens de *Esau e Jacó*, deixando subjacente que os gritos por mudança culminaram com a República. Um cenário rico em detalhes sobre a história conta, nas entrelinhas, o não dito. Como toda obra artística literária, esta também tem estrutura de metáfora: diz o que o autor quis dizer, mas revela outra coisa. Nessa outra coisa é que se aloja o prazer e enigma do texto, a partir de leis próprias de cada leitor (Mello, 2007). Assim, fica evidenciado que todo brasileiro da época tinha o desejo e o desgosto de ser estrangeiro no seu próprio país. Esse desejo encobria temores pela experiência de não ser considerado e de as questões do poder permanecerem veladas. Por muito tempo ser brasileiro era ser submetido a Portugal, escravos submetidos aos seus senhores. Libertos, os escravos passam a ser brasileiros estrangeiros, sem ter um lugar na sociedade. Marginalizados estrangeiros brasileiros. Negros: qual terra habitariam, já que não tinham trabalho, e, se livres, o que fariam? Ser brasileiro é não encontrar identidade na modernidade.

Foi precisamente o mal-estar do clima brasileiro o que disparou a mudança: aspectos destrutivos presentes na cultura que puseram em marcha os acontecimentos. De acordo com Freud (1930-1990), o desejo de liberdade de uma comunidade humana surge a partir de uma revolta contra algumas injustiças e, assim, o desejo poderá ser o propulsor subjacente de mudanças e desenvolvimento da civilização.

A vida e morte neste país disperso e dominado é tema denunciado pelos artistas e escritores, muitas vezes sem palavras diretas. Eros e Tãatos percorrem inconscientemente o contexto social atravessado pelos personagens. É tudo muito real tal como inspira o realismo na literatura. Os personagens são inspirados em seres comuns, em oposição aos clássicos heróis e semideuses do romantismo. “A realidade do entorno, as ruas, o interior das casas, os hábitos do cotidiano vão merecer igualmente guarida no romance” (CITELLI, 1996, p. 27).

Segundo Coutinho (1986), o realismo é mais que um tempo, trata-se de uma tendência, mais um estado de espírito do que um gênero literário acabado. Nada de heróis, embora se tenha consagrado o famoso herói da “Independência ou Morte”. Essa ideia heroica existe sempre que o homem opta por enfrentar-se com seus feitos. Deixa a verdade ditar a forma e submete seus sonhos à realidade. Portanto, ao enfrentar a vida objetivamente, nada mais adequado do que este jeito de escrever o Brasil em *Esau e Jacó*. Tratava-se de um país situado em meio às modificações e, como diria Arendt (1988), às revoluções. Toda a cultura é expressa pela arte e literatura.

Retomando o conceito de irreversibilidade em termos de revolução na linguagem política, o fato metafóricamente comparado à astronomia, o movimento obedece a seu rumo independente de influências do poder humano. Arendt (1988) acrescenta que o termo dá um novo significado ao antigo termo e instaura algo novo.

O que a partir de então tornou-se revogável, e que os protagonistas e espectadores da revolução imediatamente reconheceram como tal, foi que o domínio público – reservado até onde a memória podia alcançar, àqueles que eram livres, ou seja, livres de todas as preocupações, relacionadas com as necessidades da vida, com as necessidades físicas – fora forçado a abrir seu espaço de luz a essa imensa maioria dos que não eram livres, por estarem presos às necessidades do dia a dia (ARENDDT, 1988 p. 39).

Tal como a literatura mostrava nesta fase realista, não havia mais espaço para voltar ao que era antes. Uma vez evoluída a sociedade, os escritores incorporavam gradualmente a realidade em certa atitude de rebeldia para impor a fidelidade aos homens comuns, suas lutas e anseios políticos. Os tempos históricos retratados nasceram do tempo, dos fatos que já não podiam mais esperar para sofrerem modificações na base. Ressignificar é dar sentido ao que vai se ampliando nas palavras. Podemos reiterar que tudo o que permanece sem palavras poderá se transformar em fantasmas e histórias songadas da própria humanidade.

CONCLUSÃO

Na presente investigação, procuramos identificar aspectos históricos brasileiros perpassados na obra literária intitulada *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, correlacionando-os ao conceito de *revolução* para Hannah Arendt do ponto de vista dos acontecimentos culturais do final do século XIX

e início do século XX. O Brasil passava da Monarquia à República bem como do Romantismo ao Realismo. Procurou-se situar o lugar do mal-estar social enquanto mudança, caracterizado pelos antagônicos personagens Pedro e Paulo, que refletiam a divisão existente no cenário nacional da época. Por outro lado, realizou-se uma breve conexão com a psicanálise freudiana com fins de caracterizar o jeito de ser dos personagens e o contexto do mal-estar vigente. Foram mudanças significativas, as quais ficaram evidenciadas na obra literária. Assim, a retratação da história na literatura propiciou relevantes considerações.

A corte discute a mensagem, a mensagem canoniza o déspota. Cada cortesão toma a si definir uma das virtudes do déspota, a mansidão, a piedade, a justiça, a modéstia... Chega a vez da grandeza da alma; chega também a notícia de que o déspota morreu de apoplexia, que um cidadão assumiu o poder e a liberdade foi proclamada do alto do trono. A mensagem é aprovada e copiada. Um amanuense basta para trocar as mãos da História; tudo é que o nome de novo chefe seja conhecido, e o contrário é impossível; ninguém trepa ao sólio sem isso, nem a senhora sabe o que é memória de amanuense. Como missas fúnebres, só troca o nome do encomendado – Petrus, Paulus...
- Oh! Não agoure meus filhos! Exclamou Natividade (ASSIS, E.J., 1997, p. 1.087).

De acordo com as construções de Arendt (1988), entendemos que no Brasil ocorreu revolução no sentido de mudança efetiva irreversível. O conceito de irreversibilidade está na base de todo o enredo de *Esau e Jacó* referido nas entrelinhas tecidas por Machado de Assis ao longo da obra. Através dos personagens principais, representados por Paulo, Pedro e Aires, que se punham a viver e acompanhavam os aspectos políticos do país, contados com verdade, todas as inquietações se faziam presentes na narrativa. A dúvida que pairava em solo brasileiro era sobre uma possível revolta dos negros e da população a exemplo do ocorrido em Paris, conforme mencionado por Arendt (1988).

A antropóloga Lilian Moritz Schwarcz (2000), que tomou textos de Machado para escrever verdades veladas da história do Brasil, nas suas investigações, afirmou que este país passava por sérios conflitos e estava exposto de forma negativa no cenário internacional pelo regime monárquico e pelo comércio de escravos. O Brasil ansiava por mudanças irreversíveis. A mudança de século, de regime político e de estilos literários consagra os estudos políticos de Arendt e estão presentes na obra machadiana.

Naturalmente os atos do governo eram aprovados e desaprovados, mas a certeza de que podia ascender-lhes novamente os ódios, fazia com que as opiniões de Pedro e Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais. Não pensavam nada à vista um do outro. Divergências de teatro ou de rua, eram sopitadas logo, por mais que lhes doesse o silêncio. Não doeria tanto a Pedro, como a Paulo, mas sempre era padecer alguma coisa. Mudando de pensamento, esqueciam de todo, e o riso da mãe era a paga de ambos (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.083).

Aspectos inconscientes se fazem presentes no contexto de *Esau e Jacó*, constatados através de investigações em literatura e psicanálise freudiana pela autora. Tanto os personagens quanto o enredo em si consagram a leitura da obra em dois planos: um manifesto e um latente. Além do que o autor escreve e refere explicitamente na narrativa, permanece, porém, a mensagem das entrelinhas do ponto de vista inconsciente. Sem dúvidas, o leitor se consagra como arquiteto da obra, por decodificar e dar os desenlaces ao conteúdo manifesto. Pedro e Paulo põem em cena o cenário de vida e morte. À espera da decisão da amada, Flora, os garotos paralisam e perdem parte da sua juventude. Na base do enredo não há possibilidade de viver um pacto não dito. Os gêmeos não conseguem dar um destino favorável às suas vidas amorosas. Um amor secreto, tudo nas entrelinhas, de acordo com a habilidade de Machado de Assis. O amor transformado em morte de possibilidades. Somente o Conselheiro Aires tinha clareza do que ocorria: Pedro, Paulo e Flora formavam um triângulo mortífero.

Refere Machado de Assis:

Não sabia nada do pacto dos dois moços. Pai nem mãe coisa nenhuma. Foi segredo guardado no silêncio e no desejo sincero de comemorar uma criatura que os ligara, morrendo. [...] Pedro e Paulo puderam estar no mesmo credo... Não falemos deste mistério... Contenha-te de saber que eles tinham em mente cumprir o juramento daquele lugar e ocasião. O tempo trouxe o fim da estação, como nos outros anos, e Petrópolis deixou Petrópolis (ASSIS, *E.J.*, 1997, p. 1.082).

Finalmente, reafirma-se que as obras literárias são importantes instrumentos de pesquisa em história e cultura, dentre outros aspectos. *Esau e Jacó* propiciou um repasse na questão da irreversibilidade em Arendt. Os principais personagens foram utilizados como pano de fundo no desenrolar do desenlace teórico proposto. Machado de Assis é transparente nas tramas da narrativa ao não revelar na escrita tudo o que se supõe tramitar no enredo.

Ao mesmo tempo, marca no cenário a passagem dos regimes políticos da época: da Monarquia à República. Em sua fase realista em termos literários, transforma estilo para dar sentido real aos aspectos da vida dos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luís Felipe de (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 2, p. 29.

ARENDT, Hannah. *Da revolução*. Estudos Políticos. Trad. Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Ática, v. 5. 1988.

ASSIS, Machado. Esaú e Jacó. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Memorial de Aires. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Quincas Borba. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. Dom Casmurro. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios.) 1998.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Estilos de época. Era realista/era de transição. 3. ed. Niterói: José Olympio, Ed. da Universidade Federal Fluminense, 1986.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar Na Civilização (1930). In. *S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 21

_____. Projeto para uma psicologia científica (1950[1985]-1992). In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21. 1990.

_____. O futuro de uma ilusão (1927). In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21. 1990.

_____. Más allá del principio del placer (1920). In: *Obra Completa*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 18. 1992.

_____. El yo y el ello (1923). In: *Obra Completa*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 19. 1992.

FARACO; MOURA. *Literatura Brasileira*. Edição reformulada e ampliada. São Paulo: Ática, 1998.

MELLO, Magda Medianeira. *Divã: janelas para o cotidiano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. Aspectos tanáticos no Conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: retratos da violência. *Darandina Revista eletrônica* – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – v. 8 – n. 2. 2016. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2016/05/Artigo-Magda-Medianeira-de-Mello.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILLA, François. Mal-estar na civilização e desastre totalitário. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XV n. especial dez. 2012. p. 493-512. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v15nspe/a10v15nspe.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

Data de recebimento: 30/06/2016

Data de aprovação: 30/11/2016